

O LIVREIRO

TORTO ARADO

Vivianne Muniz Veras¹

SOBRE O AUTOR²

Nascido em Salvador, em 1979, Itamar Rangel Vieira Júnior é Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Sua ligação com o estado em que nasceu reflete de forma intensa em seu interesse acadêmico, como nos demonstra sua monografia intitulada *A expansão de Salvador: a produção do espaço urbano em uma via metropolitana* (2005) e sua dissertação de mestrado denominada *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e mercado formal de imóveis em Salvador: analisando a avenida paralela* (2007). Na mesma instituição de ensino superior, concluiu também sua tese de doutorado, dessa vez na área de Estudos Étnicos e Africanos, com o nome de *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo Iuna* (2017), pesquisa que se volta sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro. Em 17 de outubro de 2018, *Torto arado* recebeu o Prêmio LeYa (Portugal) e o Prêmio Jabuti em 2020.

¹ Bibliotecária, Aposentada do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO), Coordenadora do Clube do Livro da ABDF, vivianne.veras@gmail.com.

² Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>

RESENHA

A obra conta a história de uma família de agricultores negros, descendentes de escravos recém libertos, na região de Chapada Velha no sertão baiano. O período em que se passa não é claro, mas parece ser do início dos anos 20, mas devido aos temas abordados, pode ser inserido em qualquer época. Essa família vive em uma comunidade que ocupa uma parte das terras uma grande fazenda, em um regime de quase escravidão. Podem morar e cultivar a terra, mas não são pagos pelo seu trabalho e parte de sua produção fica com os proprietários. O foco da história está em duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que ao longo dos anos se unem e se desunem, conforme as contingências da vida.

O livro se divide em três partes. A primeira: “O fio do corte”, começa com um incidente que marca a vida das irmãs, quando uma delas corta sua própria língua ao manusear uma faca que sua avó mantinha escondida, perdendo a fala. A partir disso, as irmãs passam a construir uma ligação muito forte, pois uma fala pela outra, chegando ao ponto de o leitor ficar confuso sobre quem de fato perdeu a língua. Nessa parte do livro, ele descreve a vida dessa família e o seu embate com a terra. Ela possui uma conexão com essa natureza difícil, acompanhando os momentos de seca e de excesso de chuvas, mas que ao mesmo tempo pode se apresentar bela e delicada. A ligação do homem com a terra é de tal maneira forte e se misturam a ponto de não se saber onde começa um e termina o outro. Atrelado ao cultivo da terra, estão as crenças, os rituais e a música, muitos deles ligados às tradições trazidas pelos escravos, que ao longo do tempo foram adaptados à essa nova realidade, resultando num rico sincretismo religioso e cultural. No centro está o pai das irmãs, que representa o líder religioso e também o curandeiro da comunidade, já que o acesso à cidade e hospitais é extremamente difícil. Ele é o responsável pelos cultos, magias e encantos, que na verdade são o resgate e a perpetuação de uma identidade negra. Essa é a força que faz essa comunidade coesa e forte.

A segunda parte: “Torto arado”, trata da separação das irmãs. Bibiana casa-se e sai da região e Belonísia faz um casamento desastroso. O casamento era a única

opção da mulher, um destino já traçado. A luta pela melhoria de vida da comunidade começa a emergir, assim como a batalha de ambas as mulheres: uma busca a educação para crescer e dar o melhor para seus filhos e a outra tenta se impor e manter a sanidade num casamento infeliz. Belonisia afinal, fica viúva e, ao contrário do que era esperado dela, não se casa novamente, não tem filhos e vive só para cuidar de sua própria terra. Ela se compara a *um torto arado*, pela sua deficiência e força de vontade, mas na verdade parece ser uma alegoria ao sofrimento dos negros com a escravidão e as adversidades de sua recém liberdade.

A terceira parte: “Rio de sangue”, traz o retorno de Bibiana com o marido e os filhos, trazendo consigo uma outra visão de mundo. Estão mais esclarecidos quanto aos direitos das pessoas da comunidade pela terra e pelo trabalho pago. Conflitos acontecem e a violência acaba chegando, também, a essa comunidade pacata e isolada. Um novo caminho sela o destino de todos.

Essa é uma obra que trata de vários temas delicados e muito atuais, como: a violência doméstica, a exploração do trabalho na terra, o direito à posse da terra e o direito à educação. O autor não propõe soluções, mas levanta questões para a reflexão. Contudo, o que mais ressalta na obra é que ela nos apresenta um resgate da história do negro pós-escravidão e de uma cultura ancestral trazida pelos negros escravos, que contribuiu para a formação da identidade de um povo. Os estudos do autor sobre a formação de comunidades quilombolas e culturas africanas, permitiram que ele construísse personagens verdadeiros e cativantes, dentro de um contexto histórico e cultural sólidos. É como se ele quebrasse o silêncio sobre essas pessoas: quem foram, como sobreviveram e qual seu legado para as gerações atuais. Uma leitura imperdível.

REFERÊNCIA

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2019. 264 p. [[Link](#)].